

Ficção jornalística ou jornalismo de ficção?

Tragédia grega, literatura e melodrama no podcast *Collor vs Collor*

Wellington Borges da SILVA¹
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Esse artigo ensaístico visa analisar como a ficção se apresenta no podcast Collor vs Collor, produzido pela Rádio Novelo para o Globoplay, em 2023. Para isso, fizemos a escuta de todos os oito episódios da produção, buscando identificar as interseções da realidade com o ficcional. Além disso, retomamos discussões presentes em Oliveira, Silva e Pelinson (2014), que debatem como a narrativa jornalística está permeada pela influência da ficção, Williams (2014), que traz o conceito de “sociedade dramatizada”, e Rocha (2022), que discute como os modos de contar história vem se repetindo ao longo do tempo.

Palavras-chave: Podcasts; Collor vs Collor; Ficção no jornalismo.

Considerações iniciais

O podcast Collor x Collor, produzido pela Rádio Novelo para o Globoplay, conta com oito episódios, com cerca de uma hora cada um, que foram postados entre o final de julho e o início de setembro de 2023. A produção se propõe a mostrar a ascensão e queda do ex-presidente da República Fernando Collor - o primeiro eleito após a redemocratização, que renunciou posteriormente em meio a um processo de impeachment - a partir da relação dele com o seu irmão, Pedro Collor de Melo. Daí o nome Collor x Collor. São mais de oito horas de conteúdo para escuta, que foram publicados um episódio por semana, entre o final de julho e o início de setembro de 2023, mas que agora estão todos disponíveis em plataformas de streaming como o Spotify e o próprio Globoplay para quem desejar “maratonar”.

Usar o termo “maratonar”, popularizado pelos amantes das séries de ficção para se referir a uma produção jornalística, pode parecer estranho, mas o próprio fato de poder se consumir informação da mesma forma que se consome entretenimento já demonstra a intersecção entre ambos que propomos discutir.

¹ Doutorando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e mestre em comunicação pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) wellingtonborgessilva@gmail.com.

Para problematizar a presença desses elementos de ficção em uma narrativa jornalística, fazemos uma retomada de autores, além de relacionar como a ficção aparece durante os episódios do podcast.

Educados pela ficção

Logo no primeiro episódio do podcast, denominado Caim e Abel, a apresentadora a jornalista Évelin Argenta recorre a uma metáfora para dizer que, quando criança, apesar de conhecer a figura de Fernando Collor, não tinha a dimensão exata do que ele representava do ponto de vista político. Ela diz que nos anos 90, “a gente era em parte criado pelos pais e em parte pelas novelas da Globo”, e que, para ela, “o Fernando Collor se confundia com Antônio Fagundes e Regina Duarte” (Podcast Collor vs Collor, 2023). O relato de Argenta é exemplo do que Willians (2014, p. 61) chama de “sociedade dramatizada”. Para ele, o drama “é construído de forma intrincada com os ritmos do dia a dia. Somente pela televisão é normal que os espectadores - a grande maioria da população - assistam a cerca de três horas de drama por dia, ainda que sejam certamente diversos tipos de drama. E não apenas em um dia, mas quase todos os dias”.

Tal dramatização da vida, como admitiu Argenta em sua digressão, influencia o nosso dia a dia de tal forma que ajuda a criar signos que serão compreendidos por quem produz e consome a notícia. Quando ela cita, ao se referir a Collor, nomes como Regina Duarte e Antônio Fagundes, não precisa explicar quem são essas figuras, pois pressupõe que seu interlocutor partilha do mesmo repertório e que, como ela, pode ter sido em parte criado pelas telenovelas.

Essa impressão da jornalista, que em vez de se referir a se mesma utiliza a expressão “a gente”, demonstra que ela compreende esse signo partilhado e também reforça um traço cultural latino-americano estudado por Jesús Martín-Barbero, para quem o melodrama e as novelas estão de fato intrincados em nossa formação. “É como se estivesse nele o modo de expressão mais aberto ao de viver e sentir de nossa gente [...] das mestiçagens de que estamos feitos” (Martín-Barbero, 1997, p. 305).

Nesse sentido, Oliveira, Silva e Pellinson (2014, p. 106) destacam que “o jornalista e, por conseguinte, os resultados de seu trabalho, utilizam-se de um arcabouço cultural; de uma subjetividade que não se circunscreve ao espaço opinativo e interpretativo; de conhecimentos prévios acerca do assunto abordado; de ideologias vinculadas ao meio social e à própria publicação”. Aqui consideramos que o jornalista é, portanto, ele próprio fruto da sociedade dramatizada e vai reproduzi-la também em sua atividade. Quando citamos que a narrativa do podcast Collor vs Collor, no total, soma mais de oito

horas, novamente recorremos a Willians (2014, p. 61), que compara: “muitas vezes assistimos a mais representações dramáticas em um a semana do que a maioria das pessoas costumava ver anteriormente ao longo de toda sua vida”.

Ao tratar da telenovela, e aqui transpomos para essa outra narrativa, uma vez que a própria produtora do podcast destaca a importância dessas produções em nossa cultura, Rocha (2022, p.7) destaca o papel desse fracionamento da narrativa. “A organização em episódios trabalha sobre os registros da duração e do suspense. A duração longa – como na vida – permite este “confundir-se com a vida”, permite ao leitor entremear-se com a narrativa”. Para ela, “o suspense, possibilitado pela estrutura episódica, coloca o leitor diante de uma “redundância calculada” e uma contínua apelação à memória”.

Rocha (2014, p.7), aliás, destaca, que essa forma de contar histórias não se restringe às telenovelas. “Narrativas longas e trançadas com tramas e subtramas enoveladas também identificam séries e minisséries, especialmente considerando um contexto contemporâneo no qual destacam-se tanto a emergência das narrativas complexas”.

A política brasileira no limite da ficção

É logo o primeiro episódio também que a jornalista avisa o seu interlocutor que ele pode esperar uma história, embora factual, recheada de elementos ficcionais. E ela o faz por meio do depoimento de um outro jornalista, Lula Costa Pinto, responsável pela primeira entrevista bombástica de Pedro Collor à Revista Veja, na qual ele fez pela primeira vez denúncias que iriam ser fundamentais na derrocada do irmão. Lula Costa Pinto, ao usar essa metáfora, certamente também partilha dos mesmos signos de quem compreende uma sociedade dramatizada. Sobre a história dos Collor, ele diz: “Tudo compõe o roteiro de uma tragédia, uma tragédia grega. Todos os elementos pessoais de formação de personagens e protagonistas, é tão impressionante que isso tenha acontecido à revelia de um roteiro de fato, porque o roteiro foi acontecendo” (Podcast Collor vs Collor, 2023).

O primeiro episódio, aliás, é denominado “Caim e Abel”. Trata-se da história cristã, do livro dos Gênesis segundo a qual um irmão, Caim, matou o outro, Abel. É também um signo compartilhado por uma sociedade em que, mesmo quem não é cristão, compreende certos papéis que são colocados. O uso dessas metáforas, ainda que implícitas, visam, Oliveira, Silva e Pellinson (2014, p. 109) revelar uma “moral oculta”. “Utilizar-se da realidade e moldá-la com a finalidade moralizante, é na construção

noticiosa com uso de histórias paralelas, comparações, legitimação de vozes especialistas no assunto e também no uso de termos, situações e criação de personagens que a moral oculta se desvela”.

No segundo episódio do podcast, as referências à ficção, e à tragédia grega em específico, se acentuam. A produção visa relacionar a história dos irmãos Collor com o clássico Hamlet, de William Shakespeare, um drama familiar no qual o protagonista precisa assassinar o tio que roubou o trono do pai. De forma irônica, ela relaciona inclusive a década de criação da história com a década crucial da família Collor. “Quem viveu nos anos 90, nos anos 1590, não tinha ideia, mas estava vivendo em tempo real a criação de um dos textos mais geniais da história da humanidade: Hamlet, de William Shakespeare”, relata. “A trama é uma típica história shakesperiana. Tem traição, vingança, disputa pela herança, pelo trono, e uma mãe afirmando que o filho é maluco.”, completa. “Mas estamos aqui para falar de Brasil, e a tragédia shakesperiana de que estamos falando não tem nenhum assassinato, mas tem um tema comum com Hamlet: a dúvida, e a dúvida sobre a sanidade”. Nesse trecho, a produtora destaca que, assim com a tragédia, a sanidade de Pedro Collor, denunciante do irmão, foi colocada em dúvida, inclusive pela própria mãe dos dois.

Como destacam Oliveira, Silva e Pellinson (2014, p. 117) esse recurso mostra que, no jornalismo, a “narrativa é regida pela realidade factual diária, mas também pelo imaginário. Por um imaginário compartilhado pelo produtor da notícia e também pelo receptor (num constante dialogismo, configurando este último mais do que um mero receptor: tornando-o um prosumer daquilo que recebe)”.

A tragédia grega também é fio condutor do episódio três, não à toa denominado “deu-se a tragédia”. Nesse trecho, a jornalista retoma duas histórias marcantes na vida política do pai de Collor. Um atentado à sua campanha quando este foi eleito governador, e o tiro que ele próprio deu no senador Silvestre Péricles, dentro do plenário do Senado, mas acabou atingindo e matando outro parlamentar, o senador suplente José Kairala, que não tinha nenhum envolvimento com a discussão, estava em seu último dia de exercício e acompanhado de toda a família. Parece mesmo ficção.

Sociologia do babado

Oliveira, Silva e Pellinson (2014, p. 107) destacam que o termo melodrama “evoca significados pejorativos e, de um modo generalista, reiteradamente é visto como sinônimo de mau gosto e antônimo de sobriedade”. No entanto, para eles (2014, p. 107), o melodramático quando aplicado à narrativa seriada televisiva, por exemplo, “denota a estrutura que se espera de uma trama padrão

teledramatúrgica: personagens bem delineados em seus respectivos caracteres, reviravoltas na história, pouca profundidade ou densidade de temas, redenção ou punição do mal, vitória do bem, entre outras características geralmente previsíveis”.

Da mesma forma, no campo do entretenimento, o termo “fofoca” evoca os mesmos significados pejorativos. Talvez por isso, a jornalista Dora Kramer, que entrevistou Pedro Collor e foi “*ghostwriter*” do seu livro “Passando a limpo, a trajetória de um farsante”, sobre a trajetória do irmão presidente, define, sociologia do babado”. As fitas com as entrevistas da jornalista são parte fundamental da narrativa do podcast. Ao definir o interesse por essa sociologia, a própria jornalista Dora Kramer, assume o flerte com a ficção. Ela diz: “É tudo verdade, mas a maneira de contar é toda minha” (Podcast Collor vs Collor, 2023).

No mesmo episódio, Argenta retoma o signo em comum das novelas, ao comentar o primeiro casamento do ex-presidente Collor e sua festa pouco espartana. “Qualquer noveleiro convicto como eu, sabe que o evento ideal pra abrir ou fechar uma novela é uma festa de casamento. É o puro sumo da sociologia do babado” (Podcast Collor vs Collor, 2023).

Já no episódio cinco, a obra de Shakespeare é retomada. O episódio é nomeado “sonho de uma noite de verão”. O título se deve a uma afirmação, que consta no decorrer do episódio, do então presidente Fernando Collor, de que as ilações da ligação de seu ex-tesoureiro de campanha, Paulo Cesar Farias (PC) com a máfia eram “um devaneio, o sonho de uma noite de verão”. As referências à ficção no episódio ainda tem espaço para a literatura brasileira, mais precisamente para o escritor Carlos Drummond de Andrade. Em um trecho desse episódio, a apresentadora faz referência ao poema “No meio do caminho”, do escritor mineiro, com a frase: “Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas rotinas tão fatigáveis. Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha um Pedro” (Podcast Collor vs Collor, 2023).

O episódio termina com uma referência clara à série Sucession, produzida pela HBO e vencedora de seis prêmios do Emmy em 2023, que, coincidência (?) também trata de dramas familiares. “Disputa entre irmãos pelo comando de uma empresa familiar, enquanto um irmão quer ser presidente da República. Talvez você já tenha visto isso em alguma série por aí, mas é a história real da família Collor”, compara (Podcast Collor vs Collor, 2023).

O episódio sete do podcast é quase uma homenagem a Barbeiro, aqui já citado, que tão bem entendeu a importância da narrativa das telenovelas para a cultura latinoamericana. Nele, a jornalista

destaca que, à época do processo que terminou com a renúncia de Collor, “o país tão acostumado ao sucesso das grandes novelas, estava se sentindo parte daquela trama. Afinal, tudo estava acontecendo no espaço público”. Em outro trecho, ela destaca que um senador da época disse que “havia assistido mais um capítulo da novela Pedra sobre Pedro, fazendo um trocadilho com a novela Pedra sobre Pedra, que era um mega sucesso na época” (Podcast Collor vs Collor, 2023).

Por fim, o último episódio, que culmina com o ex-presidente Collor deixando o poder, traz o seguinte enredo. “A saída do Collor tem todo um arranjo cênico, dramático, com antagonistas, um apoiador, e o Collor, claro, se pintando como herói” (Podcast Collor vs Collor, 2023). Aqui, retomamos Brooks (1995), sobre a moral oculta. “Sempre com um ensinamento, uma punição ou uma advertência, a moral oculta é presente nas narrativas melodramáticas com o intuito de orientar e, talvez mais do que isso, com a função de “separar aquilo que lhe pode ser bom ou mau”. (Brooks, 1995, p. 15).

A autora conclui a história com afirmações como “Collor viveu como um ator de si mesmo”, e que “na vida do Fernando Collor, a luz, o refletor do poder está prestes a se apagar” (Podcast Collor vs Collor, 2023).

Considerações finais

Partindo do conceito de Willians, de sociedade dramatizada, podemos observar preliminarmente nesse trabalho que a ficção não está restrita atualmente aos nossos momentos de entretenimento, como foi no passado, quando as pessoas se deslocavam a espaços determinados, como o teatro, e posteriormente o cinema, para consumir histórias. Atualmente a vida do cidadão comum está permeada pela ficção, desde o consumo diário de telenovelas, e séries, por exemplo, até no consumo de informação.

O jornalista, como parte desse ecossistema dramatizado, busca também na ficção referências para transmitir a informação, a partir de signos compartilhados com o seu público, seja da telenovela, que é um espaço compartilhado com grande importância na cultura latino-americana, como destaca Barbero, seja em outras histórias do universo da tragédia ou do melodrama, que se repetem ao longo do tempo, como bem lembra Rocha,

O que conseguimos observar é que a produção do Podcast Collor vs Collor utilizou, em todos os episódios, elementos dessa ficção para contar uma história real, com paralelos, metáforas e adaptações, que só fazem sentido pois o público compartilha, em maior ou menor grau, do entendimento a respeito dessas histórias. O limite entre ficção e realidade, obviamente, existe, mas há intersecções possíveis, e

até necessárias, para tornar as histórias da vida real interessantes, ou para fazer as histórias fictícias verossímeis.

Referências

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

Collor vs Collor: [Locução de] Évelin Argenta. São Paulo, Rádio Novelo, 2023.

DA SILVA, Anderson Lopes; PELINSON, Fabiana; DE OLIVEIRA, Jair Antonio. A imaginação melodramática e a narrativa jornalística: a realidade como ficção. Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, v. 1, n. 2, p. 105-119, 2014.

ROCHA, Larissa Leda F. "O Feitio da Indústria no Contar de Histórias: Serialização e Repetição."

WILLIAMS, Raymond. Drama em uma sociedade dramatizada. In. WILLIAMS, Raymond. A produção social da escrita. São Paulo - Editora Unesp, 2014..pdf